



#### 4. O MASSACRE FEDERALISTA DO RIO NEGRO EM BAGÉ, EM 28 DE NOVEMBRO DE 1893



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

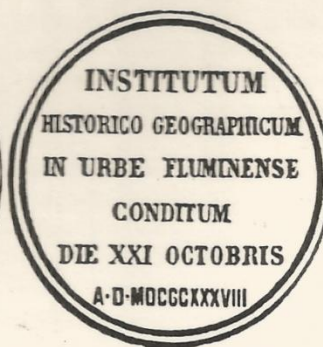
Historiador Militar e Jornalista Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias de Resende e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias de Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaiaense de História, sendo que a última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Desde 1978 está ligado a Resende onde foi instrutor de História Militar na AMAN. E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia. É autor dos livros Canguçu reencontro com a História - um exemplo de reconstituição de memória comunitária disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e de igual modo do livro O Exército Farrapos e seus chefes 2v também disponíveis digitalizados no citado site e que aborda as principais lideranças farroupilhas e inclusive Antônio Netto. O vencedor de Seival e proclamador da República Rio-Grandense.

Digitalização de artigo do autor na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da FAHIMTB. doado em Boletim a AMAN e em levantamento para colocá-lo no Programa Pergamum de Bibliotecas do Exército

ISSN 0101-4366

REVISTA  
DO  
INSTITUTO HISTÓRICO  
E  
GEOGRÁFICO BRASILEIRO

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos.  
Et possint serâ posteritate frui*



*R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 154 n.º 378 (jan.-mar.) e n.º 379 (abril-jun.), 1993*

#### 4. O MASSACRE FEDERALISTA DO RIO NEGRO EM BAGÉ, EM 28 DE NOVEMBRO DE 1893

*Cláudio Moreira Bento*

**Este trabalho aborda e denuncia o massacre, até então sem precedentes na História do Brasil em Rio Negro, atual município de Hulha Negra- RS, de cerca de 300 civis que foram degolados inermes, após se renderem, em combate, sob garantia de vida, no contexto da mais violenta e cruel revolução brasileira — a Revolução Federalista 1893-95, que por esta razão é chamada Revolução de Bárbaros ou Revolução Maldita e que se desenvolveu nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Este muito triste episódio do Rio Negro encerra lições relevantes que devem merecer reflexões profundas das lideranças brasileiras no transcurso do ano do seu centenário.**

Em 28 de novembro de 1893, em Rio Negro (atual município de Hulha Negra-RS), ocorreu o trágico e lamentável degolamento de civis republicanos, em número de 300, segundo a tradição, por federalistas que atendiam ao comando do general honorário Joca Tavares (João Nunes da Silva Tavares). As vítimas eram civis integrantes de um Corpo de Cavalaria Republicano, ao comando do coronel Manoel de Oliveira Pedroso (Maneco) composto de civis (patriotas), recrutados em Piratini, Canguçu, Bagé e Pinheiro Machado. Eles em parte descendiam de republicanos farrapos que pertenceram à Brigada Liberal de Antônio Neto, a qual em 11 de setembro de 1836 apoiou a proclamação da República Rio Grandense por Antônio Neto, como consequência da vitória que obtiveram em Seival no dia anterior sobre forças imperiais ao comando do coronel João da Silva Tavares. Ideal republicano que iria desaguar em 15 de novembro de 1889 com a proclamação da República Federativa do Brasil. Por um capricho do destino, Seival e Rio Negro ocorreram próximos dentro do município de Bagé e separados no tempo por 57 anos. Dos vencedores de Rio Negro muitos descendiam dos vencidos no Seival, em grande número descendentes de famílias do município atual de Herval do Sul. Em Seiva, o chefe vencido foi o coronel João da Silva Tavares, junto com o seu filho Joca Tavares que seria o vencedor em Rio Negro, responsável, após brilhante vitória ali sobre o marechal Isidoro Fernandes, do Exército, pelo inominável massacre, por degolamento, de civis inermes, evento até hoje, ao que sei, sem precedentes na História Militar do Brasil, pela alta cifra de cerca de 300 irmãos brasileiros, o que aqui merece ser denunciado e registrado como informação à posteridade, para prevenir que fatos com a gravidade do presente caso venham a se repetir entre nós.

Os republicanos para vingarem o massacre do Rio Negro, segundo Arthur Ferreira Filho, responderam com o massacre de federalistas no Capão do Boi Preto, em Palmeira das Missões, em 5 de abril de 1893, 4 meses depois. Ambos federalistas e republicanos comitistas desconhecaram esta lição da História ensinada por Simon Bolívar um dos libertadores da América:

***"Nas guerras civis é político ser generoso, senão a violência aumenta progressivamente."***

Esqueceram, ambos os contendores gaúchos, a simbologia que os republicanos farrapos fizeram inscrever nos ângulos agudos do losango do Brasão da República Rio Grandense, que desde 1891 foi adotado como o do Rio Grande do Sul pelos constituintes rio-grandenses. Ou sejam, dois amores-perfeitos simbolizando **Firmeza** e **Doçura** e assim traduzidas em combate:

**Firmeza** — lutar com toda a garra, valor, coragem e determinação de vencer. **Doçura** traduzida após a vitória, como respeito, como religião, à vida, à família, à honra, à

dignidade e ao patrimônio do vencido inerme ou , como se diria hoje, aos direitos humanos do vencido.

O general Antônio Neto a frente de bajeenses, canguçuenses, piratinienses integrantes do primitivo corpo da Guarda Nacional do município de Piratini que veio a se transformar em sua Brigada Liberal farroupilha, deram no combate do Seival demonstrações inequívocas de **Firmeza e Doçura** e de generosidade com os vencidos, das quais um dos maiores beneficiários foi o então valoroso jovem Joca Tavares, mais tarde destacado herói da Guerra do Paraguai e agora o comandante federalista em Rio Negro.

Constatar é obra de simples verificação em reportagem que produzimos no **Diário Popular** de Pelotas, de 20 de setembro de 1986, sob o título — Centenário do combate do Seival, que foi também publicada na revista **A Defesa Nacional**, n.º 726, jul/ago 1986, onde este evento foi reconstituído militarmente.

Outros líderes farrapos se singularizaram por atitudes de **Firmeza e Doçura** para com os inimigos: Bento Gonçalves suspendeu o cerco de São José do Norte porque o preço cobrado pela vitória seria o das vidas de velhos, mulheres e crianças inocentes. Neto comovido com a coragem de um coronel que defendeu Triunfo até a morte, colocou respeitosamente seu esquife em local de destaque e fez seus soldados desfilar em continência como tributo à bravura do chefe inimigo morto em ação, Teixeira Nunes após brilhante vitória no passo Santa Vitória, no rio Pelotas, na fronteira com Santa Catarina, surpreendeu os vencidos com esta ordem: **"Vocês estão livres, retornem para suas casas para cuidarem de suas famílias."**

O general farrapo Silveira foi outro líder pródigo em exemplos de **Firmeza e Doçura** e de generosidade para com o prisioneiro inerme. O general Osório, a maior expressão do gaúcho histórico, desde tenente foi **firme, doce e generoso**. Revolucionário farrapo em 20 de setembro de 1835, acompanhou seu comandante imperial até a fronteira em segurança. Enfim, a **Firmeza e Doçura**, combinadas com a hospitalidade, tem constituído qualidades excelsas do gaúcho e responsáveis pelas posições de liderança que muitos deles tem assumido muitas vezes na comunidade brasileira: marechais Osório e Mascarenhas de Moraes, Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha e outros. Porque os vencedores de Rio Negro e Boi Preto não foram doces e generosos para com os vencidos e sim amargos e até cruéis? Porque não limitaram o massacre, aos responsáveis, após um julgamento dos comandantes dos 300 supliciados sumariamente? Enfim é resposta a ser dada à comunidade brasileira pelos psicanalistas e psicólogos sociais, para com ela armar-se futuras lideranças para que previnam a repetição destes bárbaros erros. Respostas estas a serviço das novas dimensões da História Militar, as quais procuram isolar os fatores responsáveis pelo desencadeamento de guerras e revoluções, para que colocados a disposição de líderes, estes procurem evitá-las.

Gaspar Silveira Martins que viria ser líder civil da Revolução Federalista e muito antes que esta eclodisse e na fase de sua preparação, em carta ao general Joca Tavares que viria a comandar a vitória de Rio Negro, seguida do massacre em foco, apelou pateticamente:

**"Chefe de partido, como correligionário peço, como riograndense suplico: guerra civil não, pois é o maior flagelo que pode cair sobre um povo."**

Não conseguiu evitar o flagelo que ela provocou!

Júlio de Castilhos também, como apóstolo entre nós da religião da Humanidade — o **Positivismo**, era filosoficamente contra a violência e foi o líder da outra facção — a legal da Revolução Federalista. E tanto ele como Silveira Martins não conseguiram segurar na prática os seus liderados, muitos dos quais, em nome da Democracia, da Liberdade, da República e da Humanidade, praticaram vinganças terríveis como as dos massacres do **Rio Negro** e do **Capão do Boi Preto**, se bateram com violência inaudita e praticaram



largamente o degolamento de prisioneiros inermes ou fuzilamentos sumários de revolucionários, como em Santa Catarina e Paraná, tudo fazendo com que a Revolução Federalista passasse à História como a **Revolução de Bárbaros** ou a **Revolução Maldita**, e por esta razão, episódio que devia ser esquecido e silenciado à posteridade, posição com a qual o historiador não concorda, por isto contribuir, que pelo desconhecimento deste precedente histórico condenável, ele venha a se repetir e, além disto, continuar a manter o mito do brasileiro cordial, incapaz de violências como as em foco. Rio Negro encerra preciosas lições para a História, como mestra das mestras e a mestra da vida. Decorridos 100 anos os historiadores tem a obrigação de resgatá-lo dos subterrâneos e sombras da História, sem evitá-lo ou contorná-lo com mitos, estórias, versões de conveniência partidária, ou a serviço de outras finalidades que não a da História como instrumento de **Verdade e de Justiça** e de prevenção, por desconhecimento, que erros como os de Rio Negro e Boi Preto venham a se repetir. A História deve enfrentá-los com crítica histórica apurada, segundo Élio Chaves Flores. É isto que a posteridade brasileira e sul rio-grandense deseja e não a continuar repito, com o mito do brasileiro cordial.

Esta revolução foi tão cruel que violentou o espírito de seus líderes, Júlio de Castilhos e Silveira Martins como se verá. A Júlio de Castilhos se atribui esta orientação a seus comandantes no combate à Revolução:

***"É possível que no momento do desbaratamento dos rebeldes que eles procurem refúgio no território do Uruguai, onde maleficamente realizaram a conspiração nefanda e organizaram suas hostes vandálicas. Mas o inteiro desagravo da República ultrajada requer que, mesmo ultrapassados certos limites, com as devidas cautelas e descrições, sofram pela eliminação o justo castigo que merecem odientos caudilhos."***

Veja-se até onde chegou a intolerância entre irmãos! Gaspar Silveira Martins ao que indica fonte primária ::: conivente com o massacre do Rio Negro como líder civil da Revolução ou então teve que aceitá-la, impotente como se verá:

### **O combate do Rio Negro de 26/28 novembro 1893**

Os republicanos ao comando do marechal Isidoro Fernandes, brasileiro nascido no Uruguai, veterano das guerras contra Oribe e Rosas 1851-52 e da do Paraguai e com grande vivência em guarnições do Exército na fronteira do Uruguai, organizaram uma defesa para resistir aos federalistas na estação ferroviária de Hulha Negra, a 24 km de Bagé. Eles numeravam entre 1.000 e 1.500 homens, entre gente do Exército, da Brigada Militar e um Corpo Provisório de Cavalaria integrado por civis de Caciminhas (Pinheiro Machado), Canguçu, Cerrito Bagé e Piratini, então comandados pelo coronel Manoel de Oliveira Pedroso (Maneco Pedroso) de Piratini, antiga capital farroupilha. Os federalistas eram comandados em Rio Negro pelo general Joca Tavares citado e numeravam cerca de 5.000 homens. Seus comandantes subordinados diretos eram o seu irmão e genro Zeca Tavares (José Bonifácio da Silva Tavares), Marcelino Pina, David Martins e ten.-cel. Francisco Cabeda que foi ferido na ocasião e posto fora de ação. Após atacar Bagé e lá encontrar forte resistência do coronel Carlos Teles, Joca Tavares dirigiu o esforço de seu ataque contra o marechal Isidoro, em Hulha Negra, que fazia pouco fora substituído pelo general João Teles, que terminou sendo morto em ação no Rio de Janeiro, na ilha do Governador combatendo a Revolta na Armada. Substituído pelo coronel Moreira César, este venceu os revoltosos na ilha citada, sendo após enviado como governador para Santa Catarina, após o término da revolta da Armada e da Revolução Federalista, em Desterro. Joca Tavares com efetivo estimado em mais de 3x1 surpreendeu com sua numerosa e ágil Cavalaria os republicanos em Hulha Negra. Estes foram sitiados. Após luta encarniçada o marechal Isidoro foi obrigado a render-se por estar cortado de água, carne e munições. Poucos foram os que conseguiram romper o sitio e íugir. Até aqui foi

um brilhante feito militar que seria maculado com um massacre sem precedentes em nossa História Militar.

### **O Massacre do Rio Negro de 28 de novembro de 1893**

Em 28 de novembro da tropa republicana rendida foram retirados o comando e Estado-Maior do 28.º Batalhão de Caçadores do Exército e a tropa deste, o 2.º Batalhão da Reserva da Brigada Militar, ao comando do ten.-cel. Utalis Lupi (ferido na ocasião) e 100 homens do Corpo de Transporte que era comandado do capitão Bento Gonçalves da Silva, que permanecendo no Passo Real, onde foi ferido, conseguiu escapar do sítio e apresentar-se ao coronel Carlos Teles, onde foi reforçar a épica resistência de Bagé que durou 45 longos dias até 8 de janeiro de 1894, data em que a aproximação da **Divisão do Sul** enviada pelo Ministro da Guerra o sítio foi levantado e os federalistas se retiraram da região.

Os civis que compunham o Corpo de Cavalaria Provisório foram colocados numa mangueira e degolados sob a responsabilidade do general Joca Tavares e sob a direção de seu irmão, afilhado e genro Zeca Tavares e execução pelo uruguaio Adão Latorre e seus soldados argentinos correntinos, até a revolução peões, em maioria, da família Tavares, segundo indicam as poucas fontes disponíveis sobre o assunto e a tradição oral. Disto tomou conhecimento o líder federalista Gaspar Silveira Martins através de telegrama e, carta do general Joca Tavares num estilo de uma parte de combate:

***"No dia 26 de novembro atacamos o inimigo superior a 1.000 homens, entrincheirados na estação do Rio Negro e nas matas e vassouras próximas a esta. Hontem, ao meio-dia, o inimigo desanimado, rendeu-se a descrição (incondicionalmente) caindo prisioneiros o general Isidoro (Fernandes), seu Estado-Maior, a oficialidade do 28º (Batalhão de Caçadores do Exército) e todo o batalhão, (Manoel de Oliveira) — Pedroso e sua patriotada, forças do (Bernardino) Mota e do Madrugá cujos chefes não estavam presentes, brigada policial do (Utalís) Lupi, parte do Corpo de Transporte, enfim por tudo 700 prisioneiros mais ou menos. Do inimigo ficaram no campo 200 mortos mais ou menos, contando os que em grande número foram exalar o último suspiro, em mato próximo."***

Enfim um massacre, uma carnificina, uma hecatombe consistente no degolamento, em mato próximo, de combatentes civis inermes, permitido ou mesmo autorizado pelo general Joca Tavares, que usou o seguinte código para o líder federalista Gaspar Silveira Martins, até este retornar do exílio da Europa seu desafeto político!

***"Contando os que em grande número foram exalar, em mato próximo o último suspiro."***

Não se tem notícia de protesto de Silveira Martins contra esta carnificina, na expressão de Sérgio da ta Franco.

Foi um evento tenebroso, selvagem que maculou o brilho da sensacional vitória militar federalista sobre o marechal doró Fernandes, o comandante-em-chefe de todas as forças em operações no Rio Negro e, mais do que isto, um inominável desserviço mesmo traição aos alevantados objetivos federalistas de parlamentarismo, voto distrital e unitarismo.

Enfim foi uma decisão pessoal do comandante federalista motivada por razões pessoais até hoje não bem esclarecidas pelas fontes disponíveis. Segundo se conclui do historiador federalista Wenceslau Escobar, o tenebroso ritual de degolamento de civis inermes foi executado pelo uruguaio Adão Latorre, ajudado por argentinos correntinos sob sua orientação e todos mercenários às ordens do coronel Zeca Tavares, irmão, genro e afilhado do general Joca Tavares e, ao que se sabe não protestou contra o massacre!

Os corpos das vítimas foram jogados numa lagoa. Adão Latorre homem de 58 anos teve a seu cargo executar pessoalmente o jovem coronel Manoel de Oliveira Pedroso (Maneco Pedroso). Até agora a responsabilidade do massacre tem sido passada como sendo do temível Adão Latorre, um homem de cor negra, hoje mitificado. O leitor que conclua!

Joseph Love reproduz o seguinte depoimento de um coronel republicano:

***"Logo que se apoderaram dos nossos em Rio Negro, os federalistas separaram o general e os militares que ficaram prisioneiros e, as demais forças civis a uma companhia de correntinos degoladores, sendo então todos estes degolados."***

Imagine o leitor hoje um episódio tenebroso destes transmitido para o mundo pela televisão, como chocaria o Brasil e a Humanidade e deporiam contra os foros do Brasil como nação civilizada?

O ten.-cel. Eduardo P. C. de Almeida em **A Defesa Nacional** n.º 385, 1946, assim relata a selvageria do massacre:

***"O que se passou no ato da Capitulção em Rio Negro torna-se impossível descrever. Os assaltantes cercam o reduto e de seu interior arrancavam os civis manietados. Os chefes são levados à carnificina sendo degolados em ermos lugares. A vida dos militares entretanto foi poupada! Executou-se porém a do alferes Napoleão que foi fuzilado por ter protestado contra tanta selvageria. O cel. Manoel Pedroso foi degolado pelo preto Adão Latorre, o mesmo acontecendo com toda a sua gente que perfazia um efetivo de mais ou menos 400 homens."***

Poesia popular que foi composta no sítio de Bagé, logo após o do Rio Negro, por um defensor que se informou sobre o massacre do Rio Negro, e assim foi colhida e publicada por Carlos Benjamin da Silva em **Fontes da História da Revolução de 93**, pela URCAMP, Bagé, obra que honra a História e não a manipula e dela pretende tirar as lições que sugere.

Eis alguns de seus versos que tornam clara a responsabilidade moral:

- I **"No sítio do Rio Negro Quantos heróis degolaram,  
Esse grupo de salteadores Que lá no Prata se armaram.**
- II **Esse grupo de salteadores Que lá no Prata se armaram  
Assassinaram sem piedade Os heróis que se renderam.**
- III **Eu não vi, mas me contaram Os próprios que lá se  
acharam Que na beira de uma sanga Muitos heróis degolaram.**
- IV **E o bravo coronel Pedroso Que a frente nunca curvou  
Quando viu as armas render A nobre face corou**
- V **E o Zeca Silva Tavares Foi que mandou matar Esse  
bandido covarde Com a mesma a de pagar."**

Foi o libelo popular contra o coronel Zeca Tavares (José Bonifácio Nunes da Silva Tavares) que há um século vem passando de boca em boca em rodas de galpão. Ele era neto de José Bonifácio Nunes, um dos colaboradores de Rafael Pinto Bandeira e que veio a tornar-se o patriarca do Herval.

O alferes Napoleão que foi fuzilado por haver protestado com veemência pela selvageria do massacre, pertencia ao Exército. Suicidou-se um tenente civil para escapar ao degradante e humilhante degolamento inerme. O santamariense Germano Hassiocher, militante federalista, assim descreveu o que considerou a hecatombe do Rio Negro em sua obra **A verdade sobre a Revolução de 1893**. (Palegre, Liv. Mazon, 1894), aos 32 anos de idade e logo após os fatos:

***"Estamos no Rio Negro. Três dias de um calor sufocante, de combates incessantes, em que os raios do sol abrazador se confundem com os raios dos fuzis. Devorados pela sede, empestados pelos cadáveres de homens, de mulheres e cavalos, os defensores do reduto veem chegado o momento da capitulação. Os federalistas tem-nos presos, não há uma saída possível, todas as tentativas naufragaram diante da fuzilaria emboscada. Nenhuma esperança mais sob um céu de fogo, calmo e inerte como cadáver. O rio Negro que corre além com suas águas tão límpidas é um Argos vigilante, com mil fuzis alerta, vomitando a morte sobre quem ouse acercar-se de suas margens, arrastado pela sede torturante. A atmosfera enche-se de fumaça e cheiro de podridão. Nada há a fazer. Uma bandeira branca tremula sobre a trincheira, as armas são ensarilhadas e a capitulação é aceita, com garantias para os prisioneiros. Um instante mais e os federalistas pisam terreno atulhado de mortos e, espantado, recua diante do quadro que atesta o valor indomito da defesa, a pertinácia sem nome do vencido. Na embriaguês do triunfo os federalistas não se lembram que a glória da vitória nascera do heroísmo da resistência e, longe de sentir por aqueles bravos que restavam um sentimento generoso de fraternidade, evocaram dentre deles todos os ódios, todos os desesperos e recomeçou a matança agora impune, de homens desarmados, cansados e cheios de angústias. Como tropa de gado que se levasse para um matadouro e sem atender que eram nossos patrícios defendendo a sua causa, a soldadesca encurralara-os numa mangueira de pedras e, um por um, friamente, debaixo de galhofas, fá-los saírem e cortam-lhes a carótida, degolando os infelizes. Era a reprodução de Quinteros, mais requintada na forma e, igualmente hedionda no fundo. Foi uma hecatombe tremenda, uma orgia de sangue, de gritos de dor, de espumar de ódios! Matou-se a fartar, sem piedade, bestialmente, sacrificando-se dezenas de homens inermes à sanha do vencedor, enquanto a Revolução Federalista se cobria de lodo, infamava-se, envilecia os seus homens que atufavam-se (enchiam-se) de vergonha indigna. Desde aquele instante nenhum homem de bem podia ser solidário com tanta fereza (ferocidade). A dignidade mandava que se rompesse com todo os laços que podiam ligar um homem de consciência a abjeção (a infâmia) tremenda do Rio Negro e exigia do chefe (Gaspar Silveira Martins) supremo da revolução, que condenasse os que ordenaram a carnificina, que em nome da dignidade do Partido Federalista engeitasse (recusasse) a responsabilidade de semelhante crime. O seu silêncio seria a tácita aprovação do fato (o massacre), esclareceria o seu propósito, uma vez que nenhum programa existia para indicar o seu objetivo.***

***E eternamente ficará gravada no espírito dos que lá foram, a lúgubre (sinistra) tragédia que a fúria das paixões gerou, o quadro sinistro da degolação, o heroísmo singular único do cel. Manoel Pedroso que eles repetem cheios de pavor, quando descrevem a sua altivez, a sua sobrançeria (atitude superior) em face da morte, erguendo-se numa convulsão de nojo, com a cabeleira sacudida pelo vento, os olhos iluminados pela raiva, sublime na hora da morte, desprezando-a tanto quando os seus degoladores, ao levar a mão a garganta e dizer — Degola, canalha, pois degolas um homem de bem e valente."***



Eurico Salis em sua **História de Bagé**, assim contorna o que se passou:

***"Em Rio Negro imperaram momentos lamentáveis porque o irresponsável conseguiu dominar o responsável! Veio à tona a alma bárbara do guasca, o exaltado partidário federalista, empanando a magnânima tradição de altruísmo do gaúcho, cavalheiresco, nobre e altivo, como arrasador estouro da boiada. Brotou no cérebro daquela gente embrutecida pela luta, o desejo das contas a ajustar com o emprego da lei de Talião — Olho por olho dente por dente... O sangue fratricida derramado em Rio Negro transformou a bela vitória dos federalistas na primeira pedra lançada na consolidação do regime republicano presidencialista implantado no país."***

Ordem do Dia n.º 15, de 13 de janeiro de 1894 do ten.-cel. Francisco Feliz de Araújo, comandante da I.<sup>a</sup> **Brigada da Divisão do Sul** responsável pelo levantamento do sítio de Bagé, em 8 de janeiro de 1894, assim refere aos sítios do Rio Negro e de Bagé (conforme Doc. 62 publicado em Villalba. **Rev. 93 no RGS**), no tocante a atrocidades praticadas pelos federalistas:

***"O quadro desolador visto por nós em Bagé, traduz e é um vivo atestado das cenas de vandalismo praticadas por estrangeiros, que o pouco escrúpulo de desorientados brasileiros trouxe a nossa pátria brasileira, para reunidos em número muito superior aos nossos companheiros, tentarem tomar a praça, batendo sua heróica guarnição. Narrar-vos os fatos com suas particularidades seria descrever cenas narradas semelhantes ao inferno de Dante que por longos dias estiveram, submetidas não só vossos camaradas, como as famílias residentes em Bagé."***

E detendo-se no massacre do Rio Negro registra:

***"Não foram poupados os octogenários, quando choravam as perdas de seus filhos e parentes degolados no Rio Negro. Não se condoeram das pobres esposas que viram seus maridos serem levados para a sanga para depois no massacre terem a garganta atravessada pela faca. Foram surdos aos gritos das pobres crianças que com estertor, no auge da maior angústia pediam que poupassem as vidas de seus inocentes pais! Cenas dolorosas para esses a quem eles fizeram viúvas e órfãos. Canibais!"***

Todo este enorme drama vem sendo escondido, distorcido, contornado ou minimizado por lendas, estórias, mitos e omitido de um modo geral da literatura histórica e reduzida a cena com versões de conveniência partidária, envolvendo Adão Latorre — o carrasco e sua vítima mais ilustre — o cel. Manuel de Oliveira Pedroso, cuja valentia no episódio não discutem, mas que insinuam não ser um homem de bem, dúvida colocada na boca de seu carrasco — o uruguaio Adão Latorre, como explicação de seu bárbaro e degradante suplício. Seriam homens de bem para a posteridade brasileira os envolvidos no genocídio do Rio Negro. Não seriam eles e não os "coronéis Manoel de Oliveira Pedroso, de Piratini, Bernardino da Silva Mota, de Canguçu, Cândido Garcia, de Bagé e Madruga, de Pinheiro Machado, os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande do Sul" por terem praticado a maior execução em massa da História Militar do Brasil de prisioneiros inermes e, por isto bandidos e ladrões, por terem roubado o bem supremo de 300 infelizes em Rio Negro, além de o arrimo de muitas famílias de Bagé, Piratini, Canguçu e Pinheiro Machado que eles eliminaram selva gemente. Que a posteridade rio-grandense julgue com isenção! Não tem sentido o Tribunal da História, se os historiadores brasileiros e rio-grandenses, em particular, não contribuírem com isenção para que o **Tribunal da História** apure a responsabilidade moral pelo genocídio do Rio Negro. Este é o sagrado dever do

historiador. E decorridos 100 anos do Rio Negro, já é possível creio, estudar o episódio — o que acredito não era prudente fazê-lo antes e, sim, ter por ele repulsa, como a do historiador Otelo Rosa que só permitiu a entrada em sua casa do grande jornalista Carlos Reverbel, depois que certificou-se que seu tio-avô Ulisses Reverbel era inocente quanto ao massacre do Rio Negro, segundo Corálio Cabeda, em carta ao autor, de 16 de março de 1993.

Após 100 anos de silêncio, os descendentes de federalistas e republicanos se misturaram por casamentos e não ligam para as diferenças de seus ancestrais e querem tirar lições dos erros que praticaram para que eles não venham a se repetir. Neste episódio não existiram santos e puros!

Em Rio Negro, conforme parte de Joca Tavares a Silveira Martins, eles esperavam ajustar contas ou se vingar de Cândido Garcia, de Bagé, Maneco Pedroso, de Piratini, Madruga, de Pinheiro Machado e Bernardino Mota, de Canguçu, chefes civis de Patriotas e Guarda Nacional, tropas sem disciplina e doutrina militar, como as forças regulares, de igual forma que a grande maioria dos federalistas e inclusive as de Zeca Tavares, a base de mercenários platinos, conforme exaustivamente mencionam fontes primárias disponíveis. Forças que inclusive possuíam alguns soldados humildes que só vestiam tangas ou se cobriam com couros de ovelha, conforme registrou o senador Cunha Júnior em entrevista ao **Diário do Brasil**, transcrita por Eurico Sales na **História de Bagé** e sobre sua visita a Joca Tavares, a mando de Floriano Peixoto.

### **Mortos mais expressivos do massacre**

Foram capturados e degolados em Rio Negro só os líderes Garcia e Maneco Pedroso. O cel. Madruga, de Pinheiro Machado e o cel. Bernardino Mota, de Canguçu não se encontravam em Hulha Negra e pelo que se conclui de comunicação escrita a de Joca Tavares a Silveira Martins, encontravam-se Rio Negro tropas de Pinheiro Machado e Canguçu ao comando daqueles chefes. Segundo Corálio Cabeda, descendente federalistas e republicanos que lutaram em 93, como Rafael Francisco Cabeda( primos irmãos de seu avô paterno e seu avô republicano tenente Inácio Vaz Bragança (nosso parente) que foi ajudante do general Portugal vencido em Cerro do Ouro, era atribuído ao cel. Madruga de Pinheiro Machado a seguinte orientação recebida de Júlio de Castilhos, segundo Wenceslau Escobar publica em **Apontamentos**:

***"Inimigo não se poupa nem na vida nem nos bens".***

De nossa parte na extensa bibliografia que consultamos sobre 93, a não ser na op. cit. não encontrei este telegrama, nem com força de fonte primária ou não. Aguardo achá-lo para condenar seu subscritor!

De Corálio Cabeda e esta observação oportuna no **II Simpósio de Fontes para a História da Revolução Federalista de 93**, a propósito do que tem sido o comportamento hoje de admiradores dos federalistas e que por isto usam lenços vermelhos e os dos republicanos castilhistas que usam lenços brancos, de salvar a face das atrocidades e violências cometidas por ambos em 93, ***"pondo a culpa delas em castelhanos, correntinos índios et caterva sempre que é necessário explicar atrocidades"***, ou então em Adão Latorre ou nos coronéis Mota e Pedroso, com base em informação duvidosa prestada pelo general Teles a Floriano Peixoto com base no que ouviu do general Joca Tavares e assim por diante. . .

Penso que os federalistas e republicanos castilhistas que se dizem orgulhosamente maragatos e pica-paus, deviam fazer como o Papa que reconheceu erros da Inquisição no caso de Galileu, ou os alemães que pediram perdão aos judeus pelos crimes dos nazistas cometidos contra eles. Ou seja maragatos e pica-paus condenarem os

genocídios que respectivamente cometeram em Rio Negro e Boi Preto, atendendo as ordens do general Joca Tavares e de seu irmão e genro Zeca Tavares ou do cel. Firmino de Paula e, ambos, sem merecerem o repúdio público de Silveira Martins e Júlio de Castilhos, chefes das facções em luta em 93.

Após isto, refletirem e praticarem o simbolismo dos amores-perfeitos do brasão da República Rio-grandense, adotado pela Constituição do Rio Grande, simbolizando ambos — **Firmeza e Doçura**, a maior tradição gaúcha.

Somente assim a família gaúcha passaria a representar o bonito cerimonial que assisti numa homenagem aos gaúchos mortos na Força Expedicionária Brasileira, no **Monumento aos Mortos do Brasil na 2.ª Guerra Mundial** e organizada pela **Sociedade Sul Rio Grandense e Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul**. Ou seja — um lenço branco e outro vermelho cruzando-se no centro de um enorme crucifixo que ali serviu a uma missa crioula.

E não, negar-se o massacre de Rio Negro como não tendo existido ou só limitado aos degolamentos dos "dois malvados irmãos Monteiro (sic) de Cândido Garcia". Conforme depoimento no Correio do Leitor, do **Correio do Povo** de Porto Alegre, de 21 de janeiro de 1979, recolhido no arquivo do historiador Romeu Beltrão, como referência a artigo seu Degolamento e degoladores em **A Razão**, Santa Maria, 28 de agosto de 1977, no qual ele **afirmava "que o degolamento era uma herança transmitida ao Rio Grande do Sul pela vizinhança castelhana que a recebera por sua vez dos árabes que dominaram a Península Ibérica por séculos, sendo muito comum encontrarem-se castelhanos entre os degoladores famosos que teve o Rio Grande"**. Menciona que no Brasil os degolamentos não ultrapassaram os 300 de Rio Negro e Boi Preto. Esta convicção de quem negou o massacre de Rio Negro teria decorrido de visita que fez, em 1913/14, a Adão Latorre em sua casa.

### Sobreviventes do massacre de Rio Negro

Rompeu o sítio de Rio Negro, Antero Pedroso que veio a ser intendente de Piratini. Usou um ardil de fazer-se de federalista. Ao ser percebido e perseguido por um jovem índio, segundo corre em Piratini e Canguçu, ele teria conseguido com um golpe de espada matar o seu perseguidor. Conseguiu romper também o sítio o ten.-cel. João Paulo Prestes, de Canguçu, por ser maçom. e não sem padecer enormes sacrifícios. Ele foi vice-intendente local, dono de jornal e presidente do Clube Harmonia local, fundado em 1896 e que somente em sua gestão começou a pacificar a sociedade local, unificando na sociedade e em sua diretoria, republicanos e federalistas. Ele morreu em combate no Passo do Mendonça, no rio Camacuaã, em 17 de abril de 1923, como revolucionário as ordens de Zeca Neto. Antes, destacou-se por seu humanitarismo e desprendimento no trato de vítimas da Gripe Espanhola, em Canguçu. Conseguiu escapar por não estar em Rio Negro o cel. Bernardino Mota, então intendente interino de Canguçu, por encontrar-se acampado com parte de sua tropa na Bomba da Candiota. Outro que escapou da morte em Rio Negro por haver rompido o sítio ou ser militar às ordens de Isidoro Fernandes foi o cel. Joaquim Maria Soares, intendente de Canguçu, de 1916-20 e descendente de heróis da expulsão dos espanhóis do Rio Grande em 1776. É tradição em Piratini e Canguçu que o general Hipólito Ribeiro, filho de Canguçu, indignado com o massacre de piratinienses e canguçuenses, em Rio Negro, passou a correr atrás dos chefes federalistas em Rio Negro. Em 27 de fevereiro de 1894 impôs pesada derrota a David Martins em Sarandi — Santana do Livramento. Em 7 de junho foi a vez de Marcelino Pina, perto de Encruzilhada. Dizem que não atuou contra os irmãos Joca e Zeca Tavares, em razão de forte amizade com o primeiro desde a guerra do Paraguai e que, um na perseguição do outro mandavam-se recados deste tipo:

***“Não apague o fogo que o compadre vem aí atrás”.***

Não sei se existe verdade nisto! Mas o fato é que não se enfrentaram!

Sobre a identidade dos cerca de 300 degolados em Rio Negro pouco ou nada se sabe. Seguramente eram em maioria gaúchos humildes, cujo choro por suas perdas, de parte de familiares ou não houve ou não foi ouvido, a não ser pelo citado ten.-cel. Araújo, comandante da 1.<sup>a</sup> Brigada que libertou Bagé do sítio.

Segundo o ten.-cel. Eduardo P. C. de Almeida, ao escrever sobre o sítio de Bagé em **A Defesa Nacional** n.º 385, 1946, citado:

***“Os irmãos Pedroso, Manoel e Antero, homens destemidos e afeitos à luta, reconhecendo a superioridade dos federalistas em Rio Negro e admitindo pela experiência que tinham, ser uma temeridade, talvez um suicídio, tentar resistir a tal inimigo, aconselharam ao general Isidoro Fernandes, comandante-em-chefe das forças em operações no Rio Grande do Sul, contra os federalistas, a que fizesse uma retirada para Bagé, onde a defesa seria mais favorável e mesmo talvez com possibilidade de êxito (o que a História confirmaria com Carlos Telles). Não sendo atendidos disseram — Senhor general o sr. vai nos sacrificar, continuaremos bater a seu lado para que o sr. não nos chame de covardes!”***

Manoel Pedroso assim mesmo tentou a frente de 120 homens, mas sem êxito, após repellido por Marcelino Pina, Maneco Pedroso é acusado de haver mandado repelir à bala um parlamentar que se oferecia para negociar a rendição. Consta que tenha pedido para Adão Latorre fazer chegar a sua filha menor em Pelotas um anel. Aliás, neta de Manoel Pedroso foi casada com o Dr. Jaques da Rosa, o 9.º prefeito de Canguçu.

A tradição sobre a Revolução de 93 é muito controversa e fantasiosa e pouco pode ser levada em conta, confirmando as agressões sofridas pela verdade nesta aforismo: ***“Em tempo de guerra mentira é como terra”.***

**O massacre do Rio Negro segundo W. Escobar e o cel. Sampaio**

O federalista Wenceslau Escobar em seus **Apontamentos... sobre 93** no ano de 1920, às p. 280-284, aborda o massacre federalista do Rio Negro que minimiza quanto ao número de vítimas, mas que assim o condena:

***“Perante a civilização e as leis humanas nunca os assassinatos praticados no Rio Negro poderão justificar-se!”***

E é nesta linha que o magistrado e historiador bajeense Tarcísio Taborda condena o massacre do Rio Negro em O sítio de Bagé na **Revista Militar Brasileira** 1970, n.º 1 (p. 77), embora membro da família Tavares:

***“Rio Negro, terrível episódio que dizimou os governistas e se tornou símbolo de traição e deslealdade para com o inimigo rendido.”***

O Marechal . José Cezar Sampaio que como coronel comandou a **Divisão do Sul** organizada pelo ministro da Guerra para socorrer Bagé sitiada pelos federalistas responsáveis pelo massacre do Rio Negro, produziu importante depoimento sob o título **O cel, Sampaio e os apontamentos do dr. Wenceslau Escobar**, em resposta aos referidos apontamentos no mesmo ano e mesma editora— a Livraria. Globo.

Dentro da ideia que informação é liberdade de escolha, o leitor interessado e, em especial o historiador isento, não podem deixar de confrontá-los e tirar conclusões. Sobre



o massacre do Negro o então cel. Sampaio que por lá passou e acampou um mês após o ocorrido escreveu:

**"Não contamos os degolados nem dispusemos de tempo para fazê-lo, mas a opinião geral (na Divisão do Sul) foi que iam muito além de 300. E não se diga que é exagerado o nosso cálculo"**

Outros insuspeitos elevaram a cifra. Na *História do Brasil* de Rocha Pombo (v. X, p. 374), encontra-se o seguinte sobre o Rio Negro

**"O coronel Pedroso foi degolado com toda a sua gente, em número superior a 400 homens".**

***Mais uma prova do quanto requintaram em malvadez esses heróis do crime (o grifo é do cel. Sampaio): Insepultos, encontramos também, junto a trincheira, os pobres soldados que ali caíram mortos durante o combate, como era fácil perceber-se. Pois nem esses escaparam à faca do bandido. Todos com a garganta cortada, o que quer dizer que foram degolados depois de mortos! Eis o que foi em verdade o glorioso feito federalista no Rio Negro. Convém notar que de 28 de novembro, dia da rendição, até 7 de janeiro, o general João Nunes da Silva Tavares, com os 5.000 homens sob seu comando esteve acampado a menos de três léguas daquele local, pelo qual diariamente transitavam forças suas. Ante o horrendo quadro, ao mesmo tempo que sentia confranger-me o coração, ao contemplar as vítimas da ferocidade de seus semelhantes, lamentei não dispor de uma máquina fotográfica, para perpetuar esta ação execrável. Hoje, porém, dou-me parabéns por não tê-la encontrado. Me sentiria envergonhado, humilhado mesmo, si em outros países, pudessem ver reproduzido esse quadro que só encontra similar entre canibais!"***

O futuro general revolucionário Zeca Netto, de 1923, integrou a Divisão do Sul como comandante de sua 3.<sup>a</sup> Brigada, integrada por civis recrutados em Pelotas, Piratini, Canguçu, São Lourenço, Camacuã, Tapes e Pinheiro Machado. Ele registrou suas impressões em **Memórias do gen. Zeca Netto**. (Palegre, Martins Livreiro, 1983). Ele esteve com sua tropa acampada junto à mangueira onde os civis de Bagé, Canguçu, Pinheiro Machado e Piratini, as ordens do cel. Maneco Pedroso foram reunidos antes de serem levados para o massacre, por degola, ao comando de Adão Latorre e seus correntinos. Declara o temor e inquietação na tropa por aquele lugar, no que foi tranquilizado pelo cel. Sampaio, que em certa altura defendeu de crítica que lhe fora feita por Carlos Telles dizendo-lhe: **"O cel. Sampaio é um oficial que faz honra ao Exército Nacional"**.

Em sua obra o cel. Sampaio transcreveu o depoimento de um dos oficiais do 28<sup>o</sup> BC (do Exército) feito prisioneiro em Rio -Negro e que mais tarde conseguiu escapar:

**"Após nos termos rendido com promessa de garantia de vida e permissão para nos retirarmos para nossos quartéis (o grifo é do autor) fomos, com surpresa geral, cercados por lanceiros e conduzidos como prisioneiros, tendo ocasião de, em seguida presenciarmos o quadro mais bárbaro e contristador que se possa imaginar. Foram degolados 36 oficiais das forças do coronel Pedroso e 5 da Brigada Militar assim como uns 300 soldados do 28<sup>o</sup> (do Exército) da Brigada Militar e das forças do cel. Pedroso. O ten. cel. Garcia e o cel. Pedroso morreram como verdadeiros bravos! Ao cel. Pedroso montaram em um petiço com as pernas amarradas por baixo da barriga do animal e assim o levaram até o ponto onde o degolaram."**

E tudo isto acrescentou o cel. Sampaio **"se fazia acompanhado de risotas, pilhérias e assuadas** (reunião de gente armada com disposição para a desordem, motim, arruaça,

segundo o Dicionário Aurélio). Simplesmente horróroso". E completou: "**O fato é que esta atrocidade dantesca não tem justificação, ou por outra — só os malvados poderão justificá-las**". De fato até hoje não vi nenhum historiador justificar o massacre, mas sim tentar explicá-lo ou minimizá-lo o que é um direito que lhes assiste!

Como se conclui do oficial do 28º que conseguiu fugir e depôs em Inquerito, a matança andou por volta de 341 homens e inclusive pertencentes ao Exército e a Brigada Militar e que a rendição foi feita sob promessa, não cumprida, o que contraria informação enviada pelo general Joca Tavares a Silveira Martins, líder civil, de que a rendição foi a descrição (incondicional ou sem restrições). Aliás rendição condicional sob garantia de vidas e não a descrição ou incondicional é a que a voz da tradição que permanece em Piratini, Canguçu e Pinheiro Machado e a que mencionavam os coronéis João Paulo Prestes de Canguçu e Antero Pedroso de Piratini que conseguiram romper o sítio e escapar e que mais tarde, em 23, seriam comandantes de brigadas do Exército do general Zeca Netto, citado, na Revolução de 23, magoados pelo silêncio que Governo e Revolução lançaram sobre o assunto e sobre os que foram vítimas de degolamento.

### O número dos degolados em Rio Negro em 28 nov. 1993

Vilalba em sua **História da Revolução...** talvez com base Germano Hasllocher refere em 1897 a "mais de 400 degolas. Rocha Pombo em sua **História do Brasil** refere a mais de 400 degolados. Oficial do 28 (do Exército) permite chegarmos a 341 degolados. Carlos Reverbel em **Maragatos e Pica-paus** e tomado com cifra correta no **Dicionário de Batalhas Brasileiras** de Ernâni Donato, presidente do IHGSP, se fixa numa cifra em torno de 333 degolados que decorre do seguinte raciocínio do autor Reve bel, que admite que os degolados não baixaram de 300, talvez um pouco mais o que representa cerca de 1/3 parte dos prisioneiros próximos de 1.000 (1.000 dividido por 3 = 333). O cel. Sampaio que por lá passou e acampou diz que "**não contou, mas que a opinião geral (na Divisão do Sul) foi que iam muito além de 300**". Arthur Ferreira Filho e Hélio Moro Mariante em trabalhos específicos sobre 93 adotam o número de 300 degolados. O general João Pereira de Oliveira em **Vultos e Fatos de nossa História**. (Palegre, Martins Livreiro, 1985) refere "**A esperada capitulação de Rio Negro se verificou em 28 de novembro, seguida da célebre degola, em que aquela caterva (multidão de tropas, segundo o Aurélio) de desalmados cevou um pouco do seu ódio feroz, no sangue de algumas centenas de prisioneiros...**"

Ivo Caggiani em carta ao autor de 17 de junho de 1993 (102.º aniversário da queda do **Governicho** que era presidido pelo general Joca Tavares em Bagé refere: "**A minha opinião é de que não degolaram 300. Do término do combate ao anoitecer não havia tempo para 300 execuções. Principalmente se atribuídos a um único homem como diz a lenda... A responsabilidade da degola é sem dúvida dos Tavares**". O general Joca Tavares ao escrever a Silveira Martins admitiu grande número de degolas ao escrever: "**Do inimigo ficaram no campo mais ou menos 200 mortos, contando os que em grande número foram exalar o último suspiro em mato próximo**" (grifo é nosso).

Tarcísio Taborda em "Degolados e degoladores", em **Cultura Especial Zero Hora**, Palegre, 24 de abril de 1993 (p. 7), refere que "**a farta degola que outras fontes mencionam não se deva contar as centenas mas as dezenas**". E no momento está empenhado em provar sua tese com apoio em documentos cartoriais de Piratini, Bagé, Pinheiro Machado e Canguçu e outros.

Mas moralmente no **Tribunal da História** penso não faça diferença a degola de dezenas ou de 4 centenas de homens que se renderam sob promessa de garantia de vida! E mais. que o massacre fruto de uma vingança pessoal e familiar comprometeu e,

mais do que isto, foi uma traição aos ideais da revolução de Parlamentarismo, Unitarismo e Voto Distrital. Mas a discussão de Rio Negro permanece em aberto, bem como as causas reais do mesmo e tudo à luz de fontes históricas que possam vir a surgir. Mas deste tristíssimo e cruel episódio do massacre covarde do Rio Negro que se tornou junto com o massacre do Boi Preto para vingá-lo, literalmente duas manchas negras na História do Rio Grande do Sul e inapagáveis permanece no entanto o essencial:

- Foram degolados grande número de prisioneiros, em maioria civis inermes, após se renderem confiantes, sob garantia de respeito a suas vidas.
- Foram degolados inclusive o mortos que haviam perecido em combate em suas trincheiras.
- Foram degolados também alguns integrantes do Exército e da Brigada Militar e entre eles a figura heróica do alferes Napoleão, do Exército, por haver protestado contra o genocídio e traição à palavra dada.
- O comandante da tropa responsável pelo genocídio por degola de prisioneiros inermes foi o general honorário João Nunes da Silva Tavares ou Joca Tavares e por esta razão responsável perante o Tribunal da História, por este acidente de percurso em sua bela carreira militar.
- O massacre resultou de uma vingança pessoal e familiar e traição aos federalistas sinceros que vinham lutando por seus ideais de Parlamentarismo, Unitarismo, Voto Distrital e pelas liberdades públicas.
- Participaram do massacre de civis e militares brasileiros em Rio Negro, nacionais, uruguaios e argentinos contratados como mercenários e segundo um parlamentar em debate no Congresso, "bando **recrutado na escória social das vilas uruguaias**", cf. Elga Picollo em "O Congresso e a Revolução Federalista", palestra em Bagé, em 28 abr. 93 no III Simpósio de Fontes para a História da Revolução de 93.
- Que o dr. Gaspar Silveira Martins conheceu e não protestou contra o genocídio conforme libelo de Germano Hasslocher, ex-militante federalista, em **A verdade sobre a Revolução** (Palegre, s/ed., 1894), que E. Vilalba transcreve em **Revolução Federalista no RGS** (Rio, Laemmert, 1897).
- Que até o momento não existem provas concretas contra os coronéis Pedroso e Bernardino Mota que figuram em telegrama do general João Telles a Floriano Peixoto: Urgentíssimo — Reservado e cifrado ao final e de 2 nov. 1892, após Telles conferenciar com Joca Tavares e tratar de assuntos que até hoje não transpiraram e cujo teor cifrado até hoje se desconhece em linguagem Telegrama em que Joca Tavares acusa os citados coronéis e mais Cândido Garcia de Bagé de **"os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande do Sul"**. Assunto que mereceu nossa atenção maior em artigo Canguçu na Revolução Federalista na Antologia do CIPEL. **Revolução Federalista** (Palegre, M. Livreiro, 1993). Telegrama citado que a partir de 1920 com a obra do federalista Wenceslau Escobar em seus **Apontamentos...** vem sendo citada com explicação da violência inaudita no massacre do Rio Negro, onde foram degolados o cel. Pedroso, Cândido Garcia e só escapou Bernardino Mota acampado então na Bomba da Candiota. O telegrama como fonte primária confiável não resiste à crítica histórica, apurada interna e externa. Daí a necessidade de procurar-se outras explicações como causa do massacre. E outra questão em aberto!

- Que o massacre foi vingança pessoal e familiar atestam as fontes. Não podem invocar nem a razão estratégica que levou Napoleão a executar nas praias do Mediterrâneo enorme quantidade de prisioneiros que fez para não ter de alimentá-los, distrair grandes efetivos para guardá-los em marcha e não libertá-los para não ter de enfrentá-los novamente!

### Lições a retirar do massacre do Rio Negro

Da citada palestra de Elga Picolo, registro a observação aguda e precisa do deputado Ourique, no Congresso, quanto este num beco constitucional sem saída, discutiu sem ter chegado a uma solução, por inconstitucionais, as alternativas para por fim a Revolução Federalista — Estado de Sítio ou Intervenção Federal no Rio Grande do Sul. Ele propôs em seu projeto:

***"Dissolução de todas as organizações paramilitares organizadas sem ordem do Congresso Federal."***

Aí para mim residiu a causa profunda da violência inaudita da Revolução Federalista que a fez passar à História como a Revolução de Bárbaros. Fato muito bem diagnosticado pelo magistrado e historiador Tarcísio Taborda em O sítio de Bagé citado:

***"A insatisfação política reinante após a renúncia de Deodoro, levou os chefes municipais integrantes das duas correntes que se formaram, a reunir homens em armas. Formados estes exércitos particulares começaram as arbitrariedades, as tropelias, os abusos, as vindictas que se espraíram por todo o Estado."***

Aí tiveram lugar requisições, remontas e recrutamentos violentos!

A proclamação da República gerou grande instabilidade política no Rio Grande do Sul. Diversos governadores se sucederam e muitas personalidades perderam o poder! A renúncia de Deodoro provocou a derrubada de Júlio de Castilhos do governo do Estado e que foi substituído pelo **Governicho**. Este decretou a temporada de caça dos adversários partidários de Castilhos que durou cerca algum tempo, quando muitos líderes tiveram que procurar exílio ou outros foram discriminados por considerados perigosos. Com a derrubada do Governicho por uma revolução, com apoio federal, as tropas civis revolucionárias, de caçadas passaram a caçadoras e se excederam, sem controle, na pressão aos federalistas.

E tropas civis de ambas as facções, sem noções de **Disciplina, Hierarquia e Doutrina Militar** chefiadas às vezes por chefes ababadados e compostas em grande maioria da escória social e aventureiros do Rio Grande do Sul e vilas do Uruguai, promoveram um festival de violências que fizeram da revolução na voz de seus intérpretes — a **Revolução de Bárbaros ou Maldita**, por atuarem seus integrantes fora do controle de seus chefes desprovidos de conhecimentos de **Arte e Ciência Militar** e as conduzindo alheios a objetivos políticos e, sim a vindictas cruéis e ao saque etc. Quando o Exército interveio e a Brigada Militar foi criada já havia ido longe demais e, ainda assim prosseguiu, porque as tropas civis constituíam a massa da Cavalaria governista e a totalidade da federalista. A Brigada Militar estava começando e o Exército atravessava o seu pior momento doutrinário, sob a égide do regulamento de Ensino de 1890 de inspiração positivista e, portanto bacharelesco, baixado pelo Ministro da Guerra ten.-cel. Benjamin Constant. Não era profissional militar!



Esta é uma preciosa lição a retirar do episódio e que a História Militar fartamente o comprova! Não se improvisa uma organização militar de uma hora para outra como um toque de mágica!

Na Revolução Farroupilha (1835-45) valorosos quadros egressos do Exército e da Guarda Nacional, com experiência de combate na Guerra Cisplatina, lideraram as massas de farrapos profissionalmente e organizaram o Exército Farrapo à luz da Doutrina Militar conforme demonstraremos em O Exército Farrapo e os seus chefes (Rio, BIBLIEX, 1993) e puderam por em prática, em combate, os valores representados nos ângulos agudos do losango do brasão farrapo por dois amores-perfeitos simbolizando **Firmeza e Doçura** e assim insistimos, traduzidos em combate: **Firmeza — lutar com toda a garra, valor e determinação. Doçura — após a vitória respeitar como religião a vida, a família, a propriedade, a honra do vencido.** E o Decênio Heróico é pontilhado de lances de Firmeza e Doçura e a violência foi exceção para tornar-se regra em 93 e a Doçura raríssima.

É possível que um aprofundamento leve à conclusão que a responsabilidade em parte pela violência em 93 seja tributada à Federação que impediu constitucionalmente o Estado Federal de intervir. O Unitarismo, tradição brasileira ao que parece teria melhor condição de evitar o banho de sangue de 93 que se extremou em Rio Negro e na vingança dele em Boi Preto. Aí fica este relato para reflexão da posteridade brasileira! Em tempo de guerra e de Revolução **a primeira vítima é a verdade**, dentro do aforismo internacional que "**em tempo de guerra a mentira é como terra!**" Mas como informação é liberdade de escolha, deixo a consideração do leitor e historiador do futuro as denúncias e lições deste ensaio!

### O massacre do Rio Negro na lenda e no teatro

O massacre do Rio Negro deu origem a lenda da **Lagoa da Música**, de autoria do poeta e romancista baiano Pedro Rubens Freitas Wayne (1904-51), publicada em Porto Alegre, Liv. Globo, 1955 e que Eurico Sales reproduz em **História de Bagé**.

Como toda a lenda esta é um mixto de realidade e fantasia. Ela admite o massacre de 300 homens e as circunstâncias que envolveram o episódio. Ou seja, o confinamento inicial dos prisioneiros que se renderam sob garantias de vidas numa mangueira e o lançamento dos cadáveres dos degolados numa lagoa. Por outro lado exalta e reverencia as vítimas, na figura do jovem clarim e cujos espíritos dos que ali foram valentes a **Lagoa da Música guarda consigo**. Ao fantasiar que o uruguaio Adão Latorre, que insistentemente chama de negro ou preto e não coronel, foi o responsável sozinho pela matança, tira a responsabilidade dos chefes que a ordenaram ou foram ultrapassados e, por isto, responsáveis morais perante o **Tribunal da História**, pelo genocídio até então sem precedentes no Brasil. E mais, omite os correntinos que Adão Latorre comandou e que o ajudaram no massacre de brasileiros civis. Abranda o massacre dizendo que em maioria esmagadora eram uruguaios e argentinos, que maquia com a denominação de castelhanos, tradicionais inimigos nossos no Sul. Mas, em realidade, foram aqueles estrangeiros mercenários que supliciam, a mando, nacionais brasileiros recrutados em Bagé, Piratini, Canguçu e Pinheiro Machado, as ordens do coronel Maneco Pedroso e tenente-coronel Cândido Garcia, também degolados, sendo que o último junto com o seu jovem filho e bem poucos do Exército e Brigada Militar.

O curioso e preocupante é que a versão dada pela lenda vem de encontro aos interesses dos responsáveis morais pelo massacre junto ao Tribunal da História que ela omite e, se nada for feito para criticá-la, ela será tomada como "verdade" e a verdade

histórica esquecida! Mas resta o consolo na afirmação de Galileu Galilei ao ser condenado à morte pela Inquisição sob a acusação de haver defendido esta então heresia — "***Terra é redonda e se move em torno de seu eixo***". Disse então profético: "***A verdade é filha do tempo e não da autoridade***".

Penso que os próprios descendentes de Adão Latorre, que a lenda trata de negro e preto, tem o dever moral de libertá-lo da lenda para a História e, da responsabilidade moral que assumiu, para encobrir os mandantes e seus auxiliares degoladores correntinos, sem ser tão grande, em realidade, a sua dívida, circunstância que o estigmatiza, além de comprometer a sua raça, por produzir um notável que se celebrizou como executor de um genocídio. A palavra negro ou preto com que é designado na lenda não é um elogio e, sim um estigma para designar o homem capaz de desempenhar serviços sujos!

A lenda diz que a lagoa onde foram lançados os degolados em certo momento emite música harmoniosa da seguinte forma:

***"Então, lá no fundo de certo trecho da lagoa (da Música), vem um som harmonioso que pouco a pouco vai aumentando de intensidade até que, aflorando à tona, estruge forte e enérgico, deixando atônitos os que não estão com eles acostumados. Mas os dali (os mineiros de carvão de Hulha Negra) sabem que é o encantamento produzido pelo sangue de 300 gaúchos degolados com seus corpos atirados na lagoa que se esta realizando. Sabem que numa tarde e numa noite inteiras de 93, a faca do negro Adão Latorre, não parou um instante de cortar carótidas (degolar). Sabem que dos 1.000 prisioneiros encerrados como animais numa mangueira de pedra, ao lado da lagoa, 300 homens foram degolados. E dizem, os que escaparam, que o negro Adão chamava um por um os guerreiros presos e mandava-os pronunciar a letra jota. Os que ao invés de jota pronunciavam rota era castelhano e, incontinenti recebia o aço afiado que lhe abria um talho (corte) de orelha a orelha. Negro Adão encostava a faca bem chairada (afiada) embaixo do nariz da vítima e quando esta levava instintivamente a cabeça para trás, com a perícia de bom conhecedor do ofício, lhe era desfechado o rápido e profundo talho no pescoço. Esguichando o sangue, o ferido irremediável ainda caminhava alguns passos até cair. Mas só os castelhanos foram imolados! Muitos brasileiros estavam na lista de vinganças e passaram a fazer parte das 300 daquela tarde suja de sangue e da noite de lodo vermelho sobre a relva. O último a ser sacrificado foi um rapazinho adversário que na hora da rendição tocara o clarim que ordenava o cessar fogo. Foi destemido e macho de verdade na hora da morte, como havia sido nos momentos de bala e de pólvora e nas ocasiões tinlilantes de espadas se chocando em lanças. Cabeça erguida, voz firme e tante ordenou ao preto carrasco (Adão Latorre). Degola negro malévolo que um gaúcho não se achica (se acovarda). Na fita branca de seu chapéu de abas largas tinha a legenda atrevida: Não peço e não dou vantagem! Seu corpo jovem mutilado afundou nas águas da lagoa. Desde aquele dia sabem os moradores de Rio Negro (atual Hulha Negra) que na mesma hora em que no combate feroz e prolongado foi dada a ordem de rendição, a alma do jovem guerreiro vem do fundo da lagoa, subindo lentamente, enquanto o seu clarim repete as mesmas notas do toque de cessar fogo... Os incrédulos, homens que lêem livros complicados e enredadores, ignoram por certo que as águas das lagoas e dos rios da campanha, guardam consigo o espírito dos gaúchos valentes que, sinceros e sem medo, são pela liberdade de seus povos."***

Aqui no caso, em termos de busca da verdade histórica e dos responsáveis pelo massacre sem precedentes na História do Brasil, a lenda é que figura para os incrédulos

homens que lêem livros em busca da verdade como fato complicador e enredador da memória histórica do massacre. Curioso que ela omite o massacre do coronel Maneco Pedroso nas circunstâncias que a História registra, à luz de fontes históricas, colocando em seu lugar a figura de um jovem clarim. A lenda é enredadora da verdade e lamentavelmente ela vem tendo mais força do que a História.

O massacre do Rio Negro teve reflexos no teatro em 1895, menos de 2 anos do episódio. O jornalista Salustiano Maciel, em Santana, impressionado com o impacto exercido pelo massacre do Rio Negro, editou na Tipografia Bazar Guarany de sua propriedade, a cena dramática em ato único — **Um episódio da Revolução no Rio Negro**, dedicado a seu irmão José Nunes da Silva Maciel de Oliveira. Ela foi escrita para a **Sociedade Dramática Particular Esmeralda**, presidida por seu autor e levada ao palco do **Teatro 7 de Setembro** local e cujo exemplar nos foi cedido por Ivo Caggiani do acervo do **Museu Folha Popular** que fundou e dirige.

Trata-se do drama de um soldado governista e porta-bandeira extraviado na noite de 27/28 de novembro, num mato, e que foi morto a bala pelos federalistas, quando pronunciou como últimas palavras:

**"Adeus Pátria! Adeus Família! Adeus companheiros!  
Viva a República! Viva a Liberdade!  
(E cai morto envolto na bandeira nacional)"**

O massacre por degola é assim descrito em versos pelo soldado extraviado e que o assistia à distância, sem poder acudir seus camaradas:

**"Surgem de todos os lados  
Centenas de guerreiros!  
Quase nús, esfarrapados  
Como uns aventureiros!**

**O cerco já estreitam mais,  
— É negra a carnificina!  
Só se ouvem gritos, ais!  
Dos pobres da triste sina!  
(Toca degolar)**

**Que ouço? que voz terrível!  
Solta o agudo clarim?  
À degolar! Oh! que horrível,  
Oh que hecatombe sem fim.**

**Oh! mas isto já é demais!  
Vede bem o que fazeis!  
Ides matar leais,  
Que defendem nossas leis!**

**E eu aqui extraviado  
Sem podê-los ajudar!  
Sem poder dar meu sangue!  
Pela Pátria, no altar!**

## Uma visita ao local do massacre

Após conversarmos com o historiador José Alfredo Schierholt, residente em Lageado e filho de Rio Negro (atual município de Hulha Negra) soubemos que esta havia se tornado município e que ele havia sugerido a seu prefeito, Marco Antônio Canto, que fosse erigido um monumento em homenagem aos mortos e, em especial, às vítimas do massacre que se renderam sob garantia de vida.

Em 29 de abril de 1993, de retorno do **III Simpósio de Fontes para a História da Revolução de 93**, em Bagé, promovido pela URCAMP, procuramos o prefeito de Hulha Negra e conversamos do seu dilema de, no ano da instalação do seu município, comemorar um massacre ali ocorrido. Comemorar no sentido de recordar ou memorar em conjunto e não o de festejar! Lhe entregamos exemplar de **Antologia do CIPEL A Revolução Federalista** (Palegre, Martim Livreiro, 1993) contendo artigos de nossa autoria relacionados com o evento, sob os títulos: O Massacre do Rio Negro, que aqui apresentamos mais ampliado e circunstanciado e Canguçu na Revolução Federalista. Opinamos que a comemoração poderia ser um monumento de homenagens aos mortos de ambas as facções que ali tombaram e de condenação do massacre, para dele tirar-se lição para a posteridade, sobre o excesso a que pode chegar a barbárie numa luta fratricida.

Os locais históricos estavam abandonados, descaracterizados, desolados e sem balizamento, o que talvez fosse normal num município em instalação. A Estação do Rio Negro, decorridos 100 anos ali estava de pé a lembrar a triste tragédia que testemunhou e balizou. Não foi possível chegar-se à mangueira onde os prisioneiros foram encerrados antes de serem levados para a degola e serem jogados na lagoa que a lenda consagrou como a Lagoa da Música. Isto em razão da estrada que lhes dava acesso encontrar-se obstruída, por árvores que foram abatidas e em processo de fazer lenha. O aspecto da região era desolador! Era difícil algum viajar um século atrás, para um massacre sem precedentes, por degola, de cerca de 300 civis governistas, civis que formavam a Cavalaria à disposição do comandante-em-chefe das Operações contra a Revolução de 93 no Rio Grande do Sul, representado pelo marechal Isidoro Fernandes. Com base em experiência adquirida, sugerimos à administração de Hulha Negra, a necessidade de que aqueles locais fossem balizados e formados guias para orientar pessoas interessadas em conhecer aqueles sítios históricos onde ocorreu o lamentável massacre, de igual forma que hoje os locais dos antigos Campos de Concentração na Alemanha são visitados por legiões de turistas que ali refletem e são alertados das possibilidades reais da prática, em determinadas circunstâncias, de violências inimagináveis contra seus semelhantes do gênero humano e, além, refletirem profundamente na afirmação **de que povo que não conhece a sua história corre o risco de repeti-la!** O que se passa hoje na Bósnia é um alerta! Felizmente o que vimos em nada se compara ao que se viu em Hulha Negra, há 100 anos atrás, o coronel Sampaio, comandante da Divisão do Sul citado:

***"Passamos no Rio Negro (Hulha Negra atual) em marcha para levantar o sítio federalista de Bagé — um mês e onze dias depois da rendição das forças legais que ali combateram. Pois lá tivemos ocasião de ver, eu e os meus comandados, em número maior de 2.000 homens ainda insepultos e amontoados nas sangas, os cadáveres das vítimas de tão cruéis atrocidades, estando alguns em promiscuidade com cadáveres de cavalos. Não contamos os degolados, nem dispusemos de tempo para fazê-lo, mas a opinião geral (na Divisão do Sul) foi que iam muito além de 300. Outros insuspeitos elevaram esta cifra!"***

**Questões que as fontes históricas ainda não responderam sobre o massacre**



Até hoje, ao que sabemos, as fontes históricas disponíveis que vieram a lume não conseguiram dissipar o nevoeiro que encobre ou que dificulta, sobretudo, a percepção precisa das seguintes questões fundamentais para a reconstituição histórica do massacre, com a precisão necessária, para que sirva a nova dimensão da História Militar que estuda as guerras e revoluções com vistas a determinar os fatores que as determinaram, com o alevantado propósito de colocá-los a serviço dos líderes, para que procurem evitar que elas ocorram, o que no caso não conseguiram os líderes dr. Júlio Prates de Castilhos e o dr. Gaspar Silveira Martins que, ao que parece, foram democratas, patriotas, positivistas e liberais verbais e não na prática, por importar a ambos tão somente a conquista do poder, conforme assinalou Décio Freitas em "O memoricídio da revolução em **Zero Hora**, Palegre, 24 de abril de 1993 (p. 21), Caderno ZH Cultura, com o que concordamos e de certa forma assinalamos em "**A Revolução de 93 e a Arte Militar**" em *Fontes para a História da Revolução de 93* (Bagé, URCAMP, 1992, p. 36). Sobre estas questões formulo as seguintes indagações:

— Qual a razão da inexistência de fontes primárias nas quais o general Joca Tavares e seus comandantes imediatos em Rio Negro, coronéis Zeca Tavares, Marcelino Pina de Albuquerque, David Martins e segundo A. Ferreira Filho, Rafael Cabeda e mais o major Francisco Cabeda, não deram suas versões sobre o massacre, face a pressão que as fontes disponíveis fazem relativamente ao evento. Teriam algum deles ultrapassado o general Joca ou, mesmo sido ultrapassados por seus subordinados incontroláveis e dado no que deu — segundo Arthur Ferreira Filho em a **História Geral do Rio Grande do Sul** (Palegre, Liv. Globo, 1978. 5 ed., p. 168-169). Ou seja — "**o trágico sucesso de Rio Negro que deslustrou a Revolução e que foi o único resultado que logrou a 2.a invasão**".

— Qual a razão da inexistência de fontes históricas relatando o destino, privações e circunstâncias, até recobram a liberdade, dos prisioneiros do Exército e Brigada Militar feitos em Rio Negro?

— Qual a razão da inexistência, disponível, de um possível relatório do marechal Isidoro Fernandes sobre o massacre e do seu desaparecimento do cenário da revolução, debaixo de acusações de incapacidade em Arte e Ciência Militar, omissão grave e inércia e haver sido surpreendido por haver desprezado, por impossível, a surpresa de Rio Negro?

— Qual a razão de até hoje não se dispor da relação dos degolados em Rio Negro que a História, a Tradição e o Folclore avaliam em torno de 300, bem como a dos uruguaios e argentinos (correntinos) que os executaram sob a direção do uruguaio Adão La torre, conforme é admitido pelo historiador federalista Wenceslau Escobar em seus **Apontamentos...** ?

— Qual a razão da ausência de listas mesmo parciais dos federalistas envolvidos no massacre, indicando a nacionalidade e a procedência dos mesmos, para confirmar-se, ou não, a presença maciça de uruguaios entre os federalistas conforme mencionam as fontes?

— Qual a razão de o massacre haver se estendido a poucos integrantes do Exército e um pouco mais da Brigada Militar, seja em Rio Negro, seja após o levantamento do sítio de Bagé, conforme o coronel Sampaio op. cit.?

— Qual a razão das autoridades estaduais e municipais haverem silenciado sobre o assunto e não terem relacionado as vítimas que recrutaram sob o pomposo título de

*patriotas e protegido suas famílias e levantado até monumento, o que seria normal numa situação destas?*

— *Qual a razão de o Folclore (a lenda), a Tradição, com mais força que a verdade histórica, terem concentrado na alma popular toda a responsabilidade pelo massacre do Rio Negro ao "negro e depois coronel" Adão La torre, como pretensa vingança de violência governista contra filho seu e até hoje não provada?*

— *Qual seria em realidade a responsabilidade do massacre do coronel Zeca Tavares, acusado em poesia popular como o mandante e assim haver ultrapassado seu irmão, sogro e padrinho general honorário João Nunes da Silva Tavares, comandante federalista no Rio Negro e septuagenário?*

— *Qual teria sido a base do historiador gabrielense Aristóteles Vaz e Silva haver afirmado em **São Gabriel na História** (São Gabriel, Prefeitura, 1963, p. 293), de Marcelino Pina de Albuquerque haver comandado a degola em Rio Negro?*

— *Qual a razão de até hoje não terem sido apresentados fatos concretos contra os coronéis Maneco Pedroso, Cândido Garcia e Bernardino da Silva Mota nomeados pelo general João Telles em telegrama citado a Floriano, e com base em juízo do general Joca Tavares de que eram em 1892 "os maiores ladrões e bandidos do Rio Grande do Sul". O que tentamos contestar, até prova irrefutável, em artigo citado **Canguçu na Revolução Federalista**. Aguardamos do dr. Honório Severo elementos que informam o envolvimento dos mesmos no desaparecimento de Terêncio Saraiva, que teria motivado o massacre do Rio Negro! Neste sentido lhe dirigimos correspondências?*

— *Quais as circunstâncias em torno do sepultamento dos degolados em Rio Negro. Sabemos que o cel. Maneco Pedroso foi sepultado em Bagé e em data recente seus restos mortais foram trasladados para o cemitério de Piratini por um descendente. Não se sabe detalhes de como chegaram a seus familiares seu lenço de pescoço de meio luto, seu anel, relógio que usava em Rio Negro ao ser morto aos 34 anos, deixando uma única filha menor!*

— *Qual a razão dos descendentes, afins e conterrâneos e mesmo autoridades de então, não terem desenvolvido um esforço em defesa da memória do cel. Pedroso que se comportou com bravura, valor militar e muita diligência em defesa do governo constituído do Rio Grande do Sul, conforme mencionam os relatos disponíveis, mas que o telegrama de Telles a quem muito bem serviu após, coloca sua vida e obra, ao que parece em suspeição?*

### **Fontes consultadas para a elaboração deste ensaio histórico**

1 ANDRIOTTI, Décio. **Guerra crime e cultura. Revolução Federalista**. Palegre, Martins Liv., 1993, p. 43-53 (Antologia coordenada pelo CIPEL).

2 ARAÚJO, Francisco Félix, ten.-cel. Ordem do Dia n.º 15, de 13 de janeiro de 1893, do comandante da I.a Brigada da Divisão do Sul que libertou Bagé sitiada (ver VILALBA. **Revolução Federalista RGS**, doe. 62, p. 113-114).

3 BENTO, Cláudio Moreira, cel. A Revolução de 93 e a Arte Militar. **Fontes para História da Revolução de 1893**. Bagé, URCAMP, 1992, p. 35-40.

4 \_\_\_\_\_. Canguçu reencontro com a História. Palegre, IEL, 1983, pp. 105-106.

5 \_\_\_\_\_. O massacre do Rio Negro de 28 nov. 1893. **Revolução Federalista**, Palegre, M

6 \_\_\_\_\_. Canguçu na Revolução Federalista. **Revolução Federalista**. Palegre, Martins

7 \_\_\_\_\_, O combate do Seival 1836 — 150 anos. Defesa Nacional 726. jul/ago 1986 e Diário Popular, Pelotas 20 set. 1986 (ilustrado).

8 CABEDA, Corálio. Cartas ao autor de 19 fev., 4, 16 e 26 março 1993. onde expende sua opinião sobre o massacre do Rio Negro e sobre crimes praticados pelos coronéis Maneco Pedroso, Bernadino da Silva Mota e o cel. Sampaio que comandou a Divisão do Sul e de sua crença na verdade transmitida pelo general João Telles em telegrama.

9 \_\_\_\_\_. O telegrama do general João Telles. Fontes para a História da Revolução de 1893. Bagé, URCAMP, 1992, p. 41-43. Indaga: "***Não estaria neste telegrama a explicação (não a justificativa) dos degolamentos que se seguiram ao combate do Rio Negro... ?***"

10 CIPEL. **Revolução Federalista**. Palegre, Martins Livreiro, 1993. Antologia .

11. DONATO, Ernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**. São Paulo:—IBRASA, 1987 (Aborda o massacre do Rio Negro, pp. 444-445). :

12. FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do RGS**. Palegre, Liv. Globo, 1974.

14. ESCOBAR, Wenceslau. Apontamentos -para a História da Revolução Riograndense. Palegre, Liv. Globo, 1920, cap. VI, p. 273 (Seu autor registra com fraqueza: "***Não tenho a pretensão de escrever com absoluta isenção de ânimo. Sou homem, tomei parte .*** FRANCO. Sérgio da Costa. Lustrando as armas. **Zero Hora-Cultura**,24 abril 1993 (refere ao telegrama de João Telles a Floriano de 2 nov. 1892).

16 FREITAS, Décio. O memoricídio da revolução. Zero Hora-Cultura,24 abril 1993, p. 21 (

17. FLORES, João da Silva. Adão La torre — Mito e história no massacre do Rio Negro. **Fontes para a História da Revolução de 93**. Bagé, URCAMP, 1990 (Trabalho importante, desmistificador e corajoso culturalmente) .

18. HASSLOCHER, Germano. **Fontes históricas da Revolução de 1893**. Palegre, Mazon, 1894, 3.a ed. (Militante federalista que condenou o massacre do Rio Negro que descreveu com toda a dramaticidade e que acusa Silveira Martins de haver com ele pactuado e prejudicado a causa!).

19.LETTI, Niconar. A degola. **Revolução Federalista**. Palegre, Martins Liv., 1993 (interessante estudo sobre a prática da degola entre civis).

20. MACIEL, Salustiano. Um episódio da revolução de 93 no Rio Negro.Santana, Tip. Bazar Guarany, 1895 (Cena dramática em um ato).

21. MARIANTE, Hélio Moro, cel. Revolução de 93. **Anais do Congresso Nacional de História da República do Brasil**. Rio, IHGB, 1989 (ref. a Rio Negro).

22. MOACYR, Pedro. Rio Negro (editorial). **A Federação**, Palegre, 5 jan1896.

- 23.NETTO, José Antônio. **Memórias do general Zeca Neto**. Palegre, Martins Livreiro, 1983 (Descreve seu acampamento em Rio Negro pouco mais de mês após o massacre que confirma como comandante da 3Brigada da/Divisão do Sul ao comando do cel. Sa
- 24..OLIVEIRA, João Pereira, gen. **Vultos e fatos da nossa História**.Palegre, Martins Livreiro, 1985 (Aborda o massacre do Rio Negro, p. 58 (3 ed.).
25. SALIS, Eurico. O combate do Rio Negro *in História de Bagé*. Palegre, Liv. Globo, 1955, pp. 263-283 (É o relato mais circunstanciado).
- 26..SAMPAIO, João César, mar. **O coronel Sampaio e os apontamentos do dr. Wenceslau Escobar**. Palegre, Liv. Globo, 1920, p. 37-81. (Sua leitura deve ser feita com a obra do dr. Wenceslau que ela responde e contesta em diversos pontos. O cel Sampaio comandou a Divisão do Sul e testemunhou sobre o massacre ao por lá passar para libertar Bagé).
- 27.SILVA, Aristóteles Vaz. **São Gabriel na História**. São Gabriel, Prefeitura, 1963 (aborda o massacre do Rio Negro que teria sido comandado por Marcelino Pina e executado por Adão Latorre, p. 292-293).
28. REVERBEL, Carlos. Maragatos e pica-paus — guerra civil e ...Rio Grande do Sul. Palegre, Presença, s/d., p. 128 (aborda Rio Negro).
- 29.\_\_\_\_\_. Os assassinatos começaram antes. **Zero Hora-Cultura**, Porto Alegre, 24 de abril de 1993 (Tece considerações sobre o telegrama do gen. Telles).
- 30 .TABORDA, Tarcísio. O sítio de Bagé. Revista Militar Brasileira n.º 1,jan/mar 1970, p. 77 (classifica Rio Negro, "**como símbolo de traição e deslealdade para com o inimigo rendido**").
- 31.\_\_\_\_\_. Degolados e degoladores. **Zero Hora-Cultura**. Palegre, 24 abr.1993, p. 17 (reproduz telegrama do gen. Telles a Floriano de 2 nov. 1892 sem a parte em código e afirma: "**os degolamentos em Rio Negro se devem contar as dezenas e não as centenas**").
- 32, TAVARES, Umbelina. Telegrama de Rio Grande em 23 jul. 1892 sobre violências em Limoeiro, in VILALBA. *Revolução de 1893*, p. 61 (não menciona estupros e assassinatos praticados por tropas dos coronéis Pedroso e Mota na estância de Zeca Tavares, fato que teria contribuído ou provocado o massacre indiscriminado de civis em Rio Negro).
33. TELLES, João, gen. Telegrama urgentíssimo, reservado e cifrado em código ao final, ao presidente Floriano, relatando a grave situação do Rio Grande do Sul e que a partir de 1920, com Wenceslau Escobar passa servir como explicação para o massacre do Rio Negro, mesmo sem ser conhecido o texto em claro da parte cifrada. (Foi publicado por VILALBA em 1897 e a tentativa de explicação do massacre do Rio Negro por W. Escobar em 1920, por Eurico Salis em 1955, por Corálio Cabeda em 1990 e por Tarcísio Taborda em 1993. A veracidade do seu conteúdo bem como o seu valor como fonte histórica confiável contestamos, antes que seja conhecido seu trecho cifrado em linguagem clara e submetido a rigorosa crítica interna e externa, o que fazemos de certa forma em **Canguçu na Revolução Federalista**, por pretender responsabilizar pelo terror generalizado, chefes massacrados em Rio Negro).
34. TERRES, Leão Silveira, cel. Seção Livre — Canguçu. **Diário Popular**.Pelotas 11 junho 1896 (Carta em que se defende como intendente de Canguçu de alguém que com o



pseudônimo de Juvenal na Opinião Pública, Pelotas de 28 mar. 1896 procurava confrontar os coronéis Bernardino da Silva Mota e seu substituto na Intendência. É muito esclarecedor!).

35. VILALBA, Epaminondas. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. Rio, Lammert, 1897, p. LXXXLXI).

36. ZERO HORA — Cultura Especial. Os gaúchos estão em guerra. Porto Alegre, 24 abril 1993.. ilustrado e traz como chamada — "**Há cem anos maragatos e pica-paus faziam do Rio Grande do Sul o palco da mais sangrenta guerra civil da história brasileira.**" E acrescento — Rio Negro foi o maior massacre da História do Brasil! Não seria crível admitir que os chefes republicanos Maneco Pedroso, Bernardino Mota e Cândido Garcia tenha sido os responsáveis por este terror político generalizado a que o telegrama do gen. Telles. tomado como a essência da verdade os condena, bem como a Adão La torre, que assim se tornaram bodes expiatórios políticos, mas que não o devem ser — pelos historiadores dignos deste nome que acreditam como Galileu que "**a verdade é filha do tempo e não da autoridade**" e de que História é verdade e justiça e que maquiar erros históricos clamorosos como os que tiveram curso de forma generalizada, em ambas as facções civis em luta e em todo o território do Rio Grande, ensejam que fatos como estes, caracterizados como Revolução de Bárbaros ou Revolução Maldita, venha assolar mais uma vez o Rio Grande do Sul.

Nota. O Telegrama cifrado atribuído a Carlos Telles e dirigido o Marechal Floriano Peixoto , como oficial com o curso da Escola Nacional de Informações em 1975. Tentamos decifrá-lo com a ajuda dos Sistemas de Informações das Forças Armada não foi possível, deixando-nos a impressão que foram forjados.

No site da FAHIMTB em Livros e Plaquetas em Conflitos estão disponíveis outras abordagens de nossa autoria sobre a Revolução Federalista inclusive as relação de fontes por nós produzidas constantes sob o subtítulo CONFLITOS.

Abordamos a Revolução Federalista do ponto de vista do Exército na História da 3ª Região Militar 2º volume ora reeditado e as p. 77/155. Até então predominavam as fontes produzidas e publicadas por revolucionários de 1893.

O livro do Marechal João César, SAMPAIO,. O coronel Sampaio e os apontamentos do dr. Wenceslau Escobar. Palegre, Liv. Globo, 1920 encontramos por acaso na Biblioteca do Exército o exemplar anotado de seu fundador o General **Valentim Benício** cujas notas foram muito esclarecedoras. Consta que a edição de seu livro foi em grande parte adquirida pelos revolucionários para anular suas repercussões fatos a comprovar .

Enfim esta é a nossa contribuição na esperança de que a versão final desta Revolução traduza Verdade e Justiça.